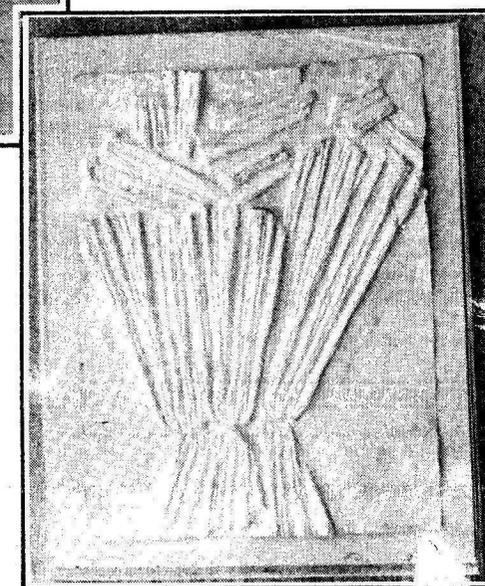


As três gravuras de alto relevo de Frans Krajcberg, protegidas por caixa de vidro, foram colocadas muito perto de uma porta que recebe a luz do sol durante a manhã. Estão amareladas e completamente sujas. A obra é de 82. Um mínimo de orientação técnica evitaria este desastre irreversível



Ohtake e Bonomi em deterioração

Plena Engrenagem": uma roda que gira lançando à sua volta todos os efeitos óticos da velocidade. A sensação de aceleração é maior à medida que se fixa o olhar sobre o centro da engrenagem. E quando as cores se diluem em tons ferrosos com pouca luminosidade. Para expressar este tema, Maria Bonomi, 52 anos, artista italiana radicada há várias décadas no Brasil, usou sua criatividade aliada aos recursos técnicos da gravura em metal e conseguiu, em um plano, representar uma estrutura tridimensional. Criada em 1970, esta obra ganhou com o tempo outros detalhes em sua forma: ela se encontra hoje mofada e com um resto de adesivo da campanha presidencial do ex-Ministro Mário Andreazza sobre o vidro.

Esta, como outras 400 gravuras vendidas ao Senado Federal entre 1971 e 72, pelo marchand Oscar Seraphico, diretamente ao então presidente da Casa, senador Petrônio Portella, sofre ho-

je o descrédito da manutenção do mais rico acervo de arte sobre papel em Brasília. O mofo, a sujeira e outras provas de atuação de agentes externos tomam conta de grande parte das gravuras espalhadas pelas alas e gabinetes de senadores.

As obras de Maria Bonomi detêm o maior número de comprovações neste sentido. Estão mofadas ou, na sua maioria, amareladas, como se cada uma delas não valesse hoje Cz\$ 20 mil, de acordo com a avaliação do marchand Oscar Seraphico. Bem próxima à "Plena Engrenagem", junto à escada que leva ao subsolo da ala Nilo Coelho, a gravura "S. Noite", de 1970, a primeira de uma tiragem reduzida (15 cópias), também não escapou do mofo. A mesma artista foi "premiada", ainda, pela má colocação de um de seus trabalhos, na recepção do Gabinete 37, ala Teotônio Vilela, atualmente ocupado pelo senador Ronaldo Aragão. Lá, a parede recebeu a gravura "Transfiguração ...", de 1970, de "cabeça para baixo", sendo quase impossível ler os nomes da autora e da obra.

REFORMAS

O mês de fevereiro foi preenchido pelas mudanças e reformas de gabinetes. Muitas obras de arte cederam seus espaços para posters representativos das riquezas dos estados de origem de cada senador. Maria Bonomi, mais uma vez, não escapou da ação externa. Com o papel totalmente amarelado, sua gravura "Palco", de 1962 (a nona cópia de

uma tiragem de 10), permaneceu ao lado do Gabinete 15, por dois dias, acompanhada do bilhete: "Fineza levar para o depósito do 9º andar e dar baixa no tombamento do gabinete do senador João Lobo".

Além de Maria Bonomi, outros artistas tiveram seus trabalhos alterados no Senado Federal. Fora a sujeira e as teias de aranha (bastante comuns sobre as litografias e serigrafias de Tommie Ohtake, nascida no Japão em 1913), há molduras inadequadas e até escondendo o nome do artista, vidros quebrados, manchas de umidade e rabiscos de caneta sobre o vidro. Os exemplos de todas estas alterações se distribuem por vários gabinetes (às vezes inacessíveis ao público) mas facilmente identificáveis nas alas e corredores do Senado Federal.

Seis gravuras da série japonesa de Tommie Ohtake, datadas de 1972, podem ser vistas na ala Nilo Coelho. Juntas à escada que leva ao subsolo, se encontram duas gravuras de Irene (1971 e 72) uma delas com o vidro quebrado, fazendo companhia às duas obras de Maria Bonomi que estão mofadas. Descendo ao subsolo, há ainda uma obra de Fayga Ostrower (polonesa, 75 anos, radicada no Brasil), com o vidro "descolado" da moldura, no gabinete do senador Carlos Alberto, líder do PTB.

PRECIOSIDADES

Quem voltar ao andar superior e continuar em direção à ala Teotônio Vile-

la, onde está a maioria dos gabinetes dos senadores, vai ver duas preciosidades em termos de gravuras: uma série de 7 peças de Fayga Ostrower e outra de Maria Bonomi, "Balada do Terror e 8 Variações". Pela primeira vez a gravadora italiana parece ter tido a conservação adequada às suas obras. As nove litografias, de 1971 (cópias número 15 de uma tiragem de 20) não têm luz solar incidindo sobre suas superfícies e conservam o papel branco.

Fayga Ostrower, desta vez, não teve a mesma sorte. Além de cada gravura ter recebido uma moldura inadequada (em madeira pintada de branco), a série de sete foi colocada fora de ordem na parede, confundindo totalmente a sucessão de tonalidades e traços do trabalho. Numeradas com sinais romanos, elas podem ser vistas assim: II, VI, VII, V, I, IV e III. Segundo Oscar Seraphico, estas e outras gravuras da artista, que se encontram hoje no Senado, são peças raríssimas, criadas entre 1970 e 72, sobre papel japonês, que nunca mais foi utilizado por Fayga.

Também o gravador Frans Krajcberg, 46 anos, outro polonês radicado no Brasil, foi atingido pela má conservação do acervo de obras de arte do Senado Federal. Suas peças viraram "ninhos" e "túmulos" de insetos, de pequenas borboletas e aranhas. São três gravuras em alto relevo, protegidas por caixa de vidro, criadas em 1972. Foram colocadas próximas a uma porta

que recebe a luminosidade do sol durante a manhã, e se encontram ainda amareladas e totalmente sujas. Poucas gravuras não se encontram com o papel amarelado, o que leva a crer que ficaram expostas, ao longo dos anos, à incidência constante da luz solar.

Em uma cidade como Brasília, carente de espaços destinados exclusivamente às artes plásticas, o Senado Federal perde uma grande oportunidade de se constituir também em um ponto de interesse cultural e perpetuar a iniciativa de Petrônio Portella, que quando presidente da mesa da Casa adquiriu, além das gravuras, cerca de 40 pinturas (óleo sobre tela). Estes números são superiores, por exemplo, ao acervo de 250 obras que ostentava o Museu de Arte de Brasília quando foi inaugurado, em março de 1985.